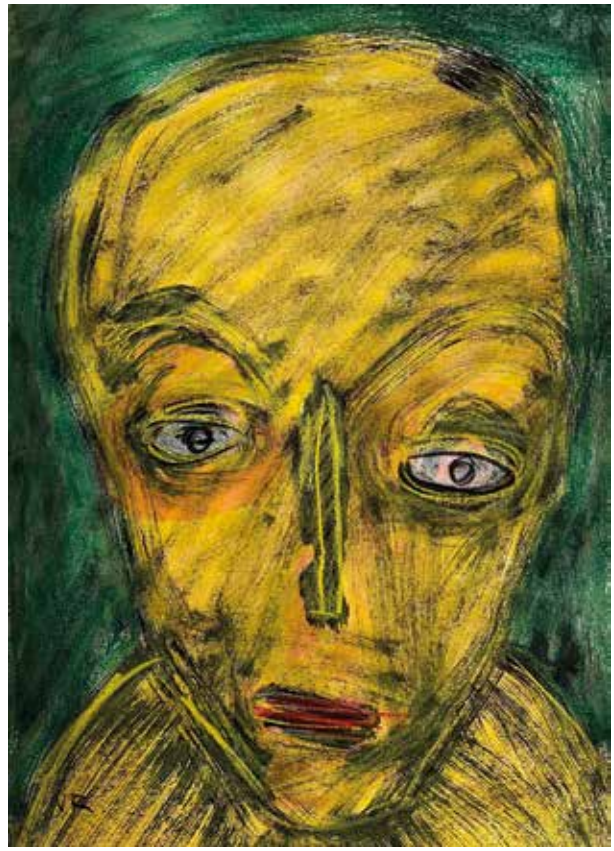
TESTEMUNHAS OCULARES



Desenhos de

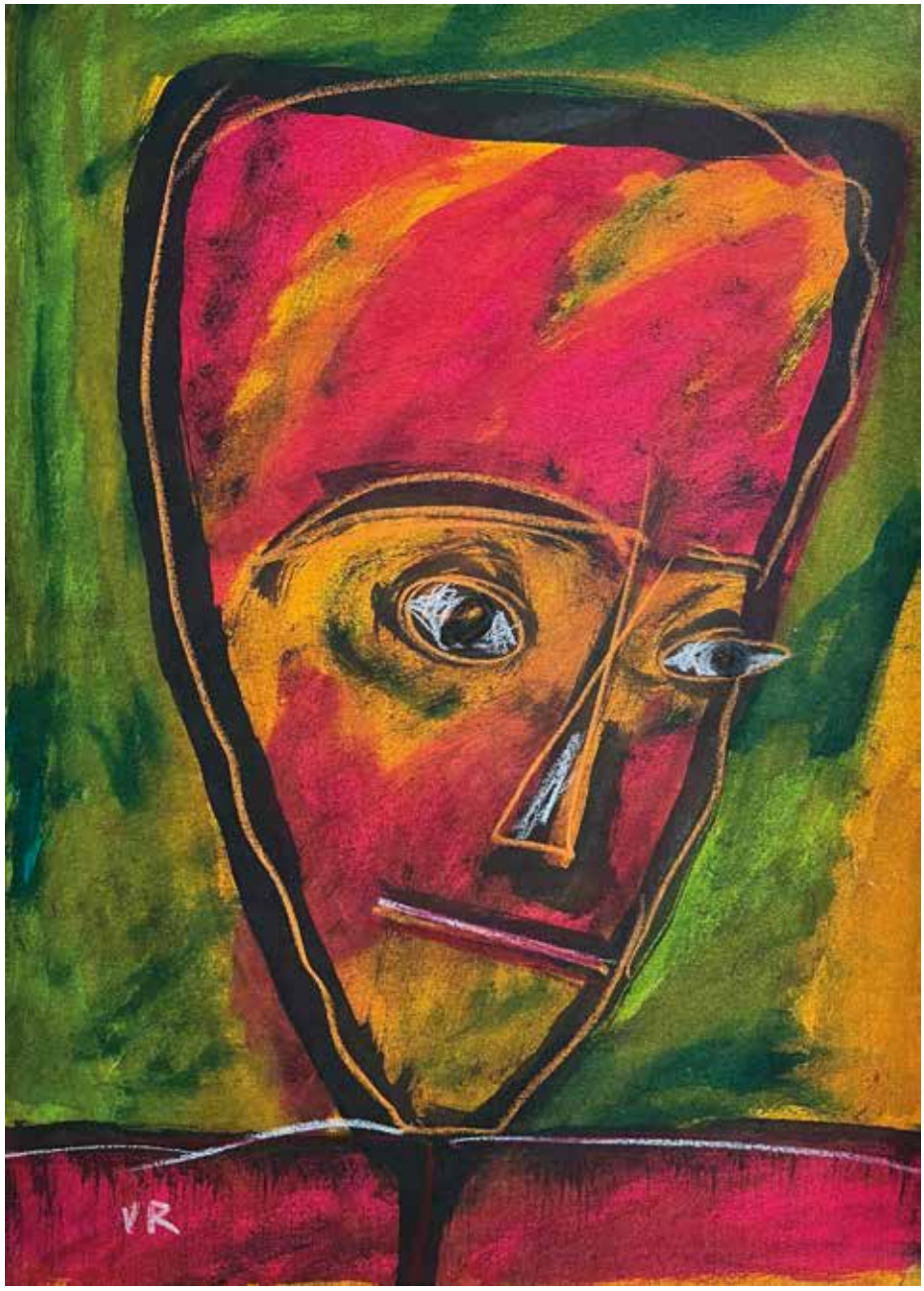
VALDIR ROCHA

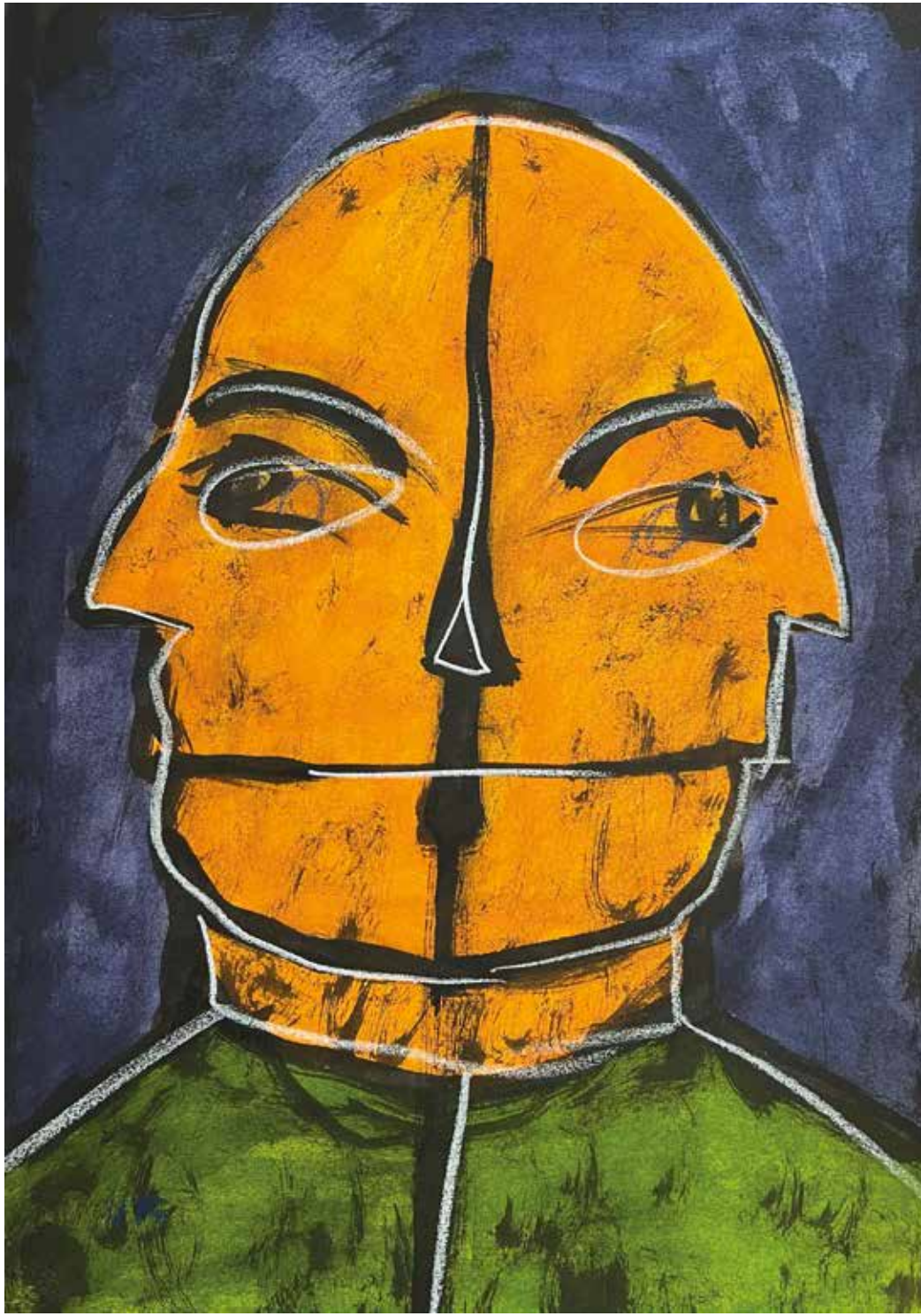
e Poemas de

32 AUTORES

PANTEMPORÂNEO

VR


VR



TESTEMUNHAS OCULARES

TESTEMUNHAS OCULARES

Desenhos de

VALDIR ROCHA

e Poemas de

32 AUTORES

PANTEMPORÂNEO

São Paulo – 2024

Todos os direitos desta edição reservados a
© Desenhos e texto de apresentação, Valdir Rocha
© Poemas, autores

Pantemporâneo é selo editorial pessoal de Valdir Rocha, destinado às suas publicações e às de poetas e artistas plásticos e visuais com os quais tenha afinidade pessoal e/ou criativa.

Editoração: Renato Carbone
Impressão: Forma Certa

APRESENTAÇÃO

Eu também posso testemunhar

Valdir Rocha

Vi o que vi, mas já esqueci.

Talvez eu tenha visto; não sei com certeza.

Quisera ter visto; infelizmente, estava distraído.

Tudo acontece diante dos olhos atentos e dos desatentos também.

O olhar é seletivo. Todos os sentidos o são.

Nem todo testemunho se refere a um crime.

Há crimes de diferentes envergaduras, pesos e volumes.

Há também sub e supercrimes. E, sim, há bondades desmedidas.

Há tanta coisa a se ver e mais coisas ainda a ignorar.

Nem tudo é poesia e, no entanto, tudo pode vir a ser. Depende dos encontros e desencontros.

As palavras são insubstituíveis para dizer mais sobre o que falta às imagens visuais. E vice-versa.

Tenho grande apreço pelos poetas das palavras. Sou leitor habitual de poemas.

Tenho o privilégio de, tantas vezes, experimentar a companhia de poetas juntamente com minhas pinturas, meus desenhos, minhas esculturas e minhas gravuras.

No livro *Intimidades Transvistas,* o editor Raimundo Gadelha reuniu 80 pinturas minhas e 80 poemas de 20 autores. Depois, Eunice Arruda convidou 40 poetas a se juntarem com seus textos no livro *Fui Eu* (nome de pintura minha reproduzida na capa do volume e nas orelhas acompanhadoras de cada texto, graças a janelas abertas em cada página). Seguiram-se quatro álbuns com xilogravuras minhas e poemas de Álvaro Alves de Faria (*Vagas Lembranças*), Celso de Alencar (*Sete*), Eunice Arruda (*Memórias*) e Raquel Naveira (*Nus Frontais*). Houve também diversas parcerias com o poeta Floriano Martins.

Agora, neste *Testemunhas Oculares,* convidei autores, com quem tenho de algum modo dialogado, para se juntarem aos meus desenhos com os seus poemas.

Contando comigo, somos 33 autores e gosto muito do resultado alcançado. Sou testemunha e dou fé disso.

Índice

Apresentação: eu também posso testemunhar, *Valdir Rocha* **5**
Caravaggio, *Álvaro Alves de Faria* **11**
Testemunha *ad hoc, Álvaro Cardoso Gomes* **13**
Réu Confesso, *Beth Brait Alvim* **16**
Queda do Século, *Carlos Nejar* **19**
Nomeação Pública, *Celso de Alencar* **22**
Testemunhas Oculares, *Danilo Sampaio* **25**
A Testemunha, *Dione Barreto* **28**
O Suicídio dos Nenúfares de Monet. *Edmir Carvalho Bezerra* **31**
A Ciência da Aranha, *Eliakim Ferreira Oliveira* **33**
Nosso Herói tombou hoje, *Fabiano Fernandes Garcez* **35**
Eu estilhaçado, *Flávio Viegas Amoreira* **37**
Sonnetto da Testemunha Ocular [12.531], *Glauco Mattoso* **40**
Revelações, *Graça Lopes* **43**
testemunha ocular, *Hamilton Faria* **45**
Testemunha ocular, *Hildeberto Barbosa Filho* **47**
Espionagem, *José Antonio Gonçalves* **50**
Olhares Pintados, *Leila Ferraz* **53**
Mascarada, *Luis Avelima* **55**
Olhos para ver, *Marcantonio Costa* **58**

o sobrevivente, *Márcia Maranhão De Conti* **61**
Foi assim, *Mary Castilho* **63**
Testemunha Ocular, *Mirian de Carvalho* **66**
As Cascas, *Paulo Sposati Ortiz* **69**
Sob o Martelo, *Péricles Prade* **71**
Testemunha Fiel, *Raquel Naveira* **74**
Adulterado, *Remisson Aniceto* **77**
5 Sentidos, *Roberto Bicelli* **80**
Testemunha, *Ronaldo Costa Fernandes* **82**
a foto indecorosa, *Silvana Guimarães* **84**
Testemunha do Nada, *Thereza Christina Rocque da Motta* **87**
imagem e sentimento, *Viviane de Santana* **89**
Do que os olhos não veem, *Wilson Coêlho* **92**
Não sou Vidente, *Wilson Guanais* **95**

VR

Caravaggio

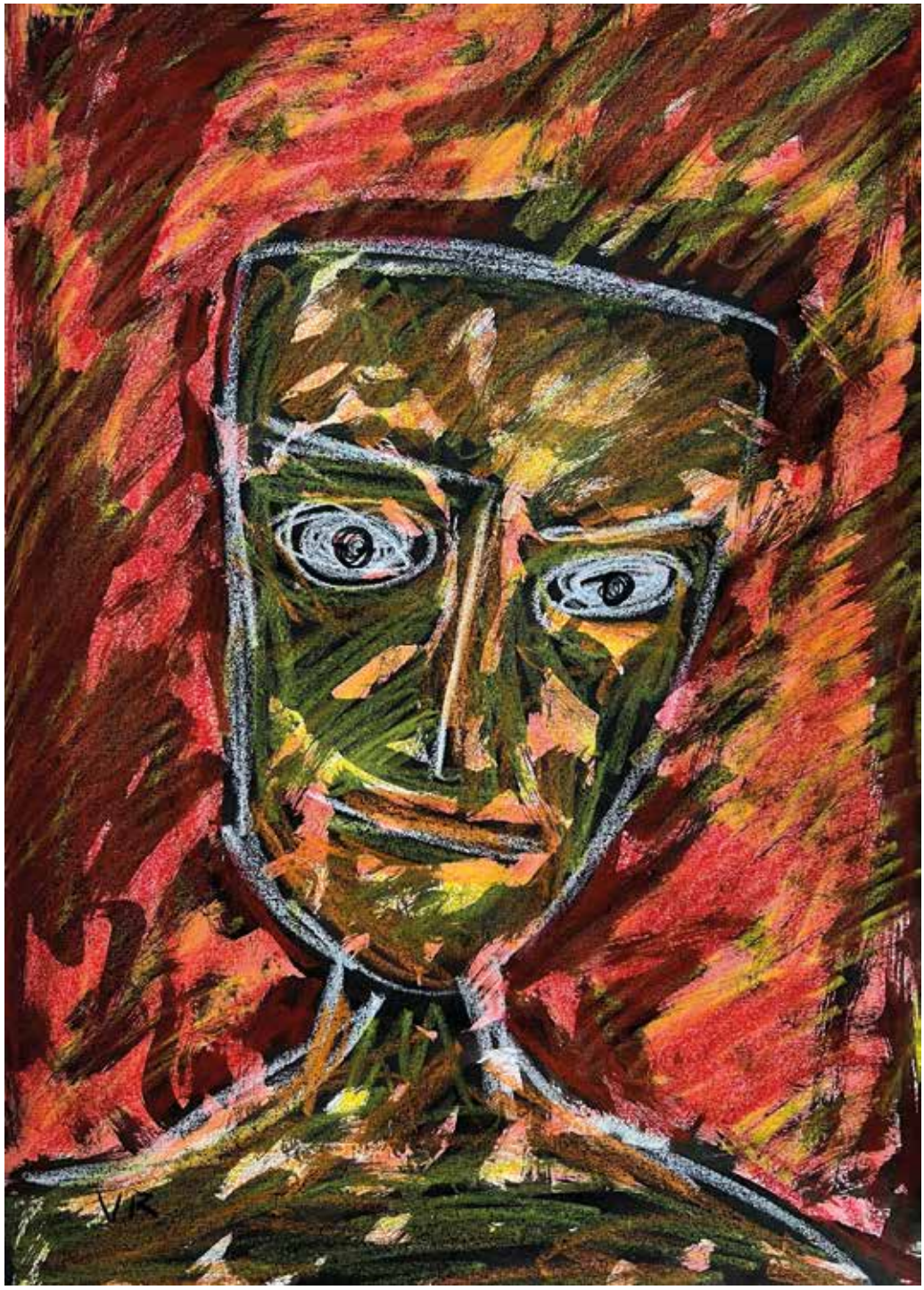
Álvaro Alves de Faria

Como Narciso,
ajoelhou-se o poeta
junto à fonte
para ver a beleza do poema
refletido no espelho da água
que só nele existia.

Caravaggio observa,
testemunha do acaso,
o que de tão bela vaidade
nada mais havia.

Apenas um pássaro morto
e um vaso de porcelana quebrado
na cor azul que não cabia.

Riu-se de si mesmo
ao ver o poeta do avesso
a destruir sua vida em obra,
rasgando a pintura de seus versos
deixado apenas a moldura de sobra.


VIK

Testemunha *ad hoc*

Álvaro Cardoso Gomes

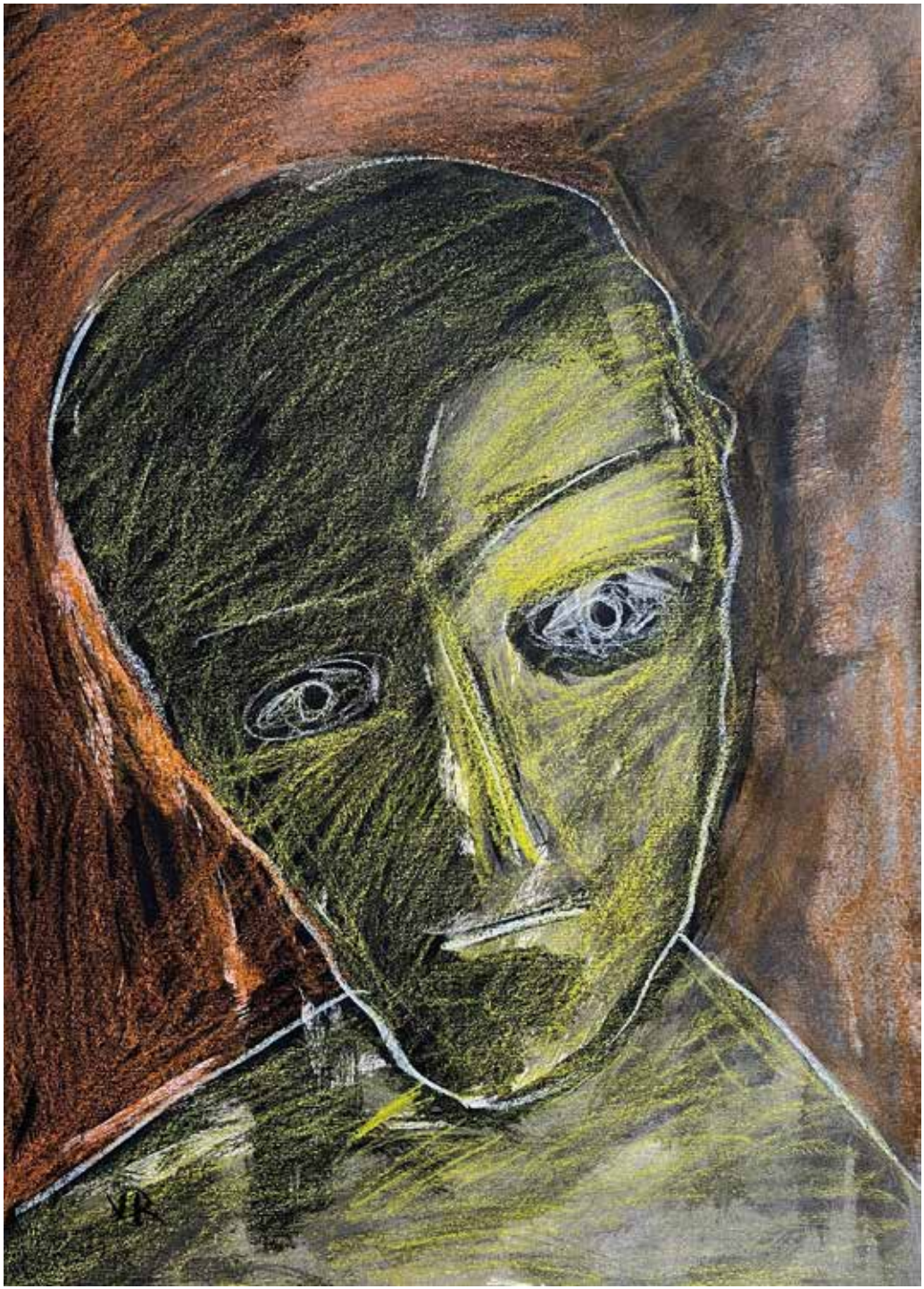
Eram ásperas e rudes aos dedos
as abrasivas imagens.
Seriam vermelhos, a gemer,
as linhas, os volumes dos vitrais?

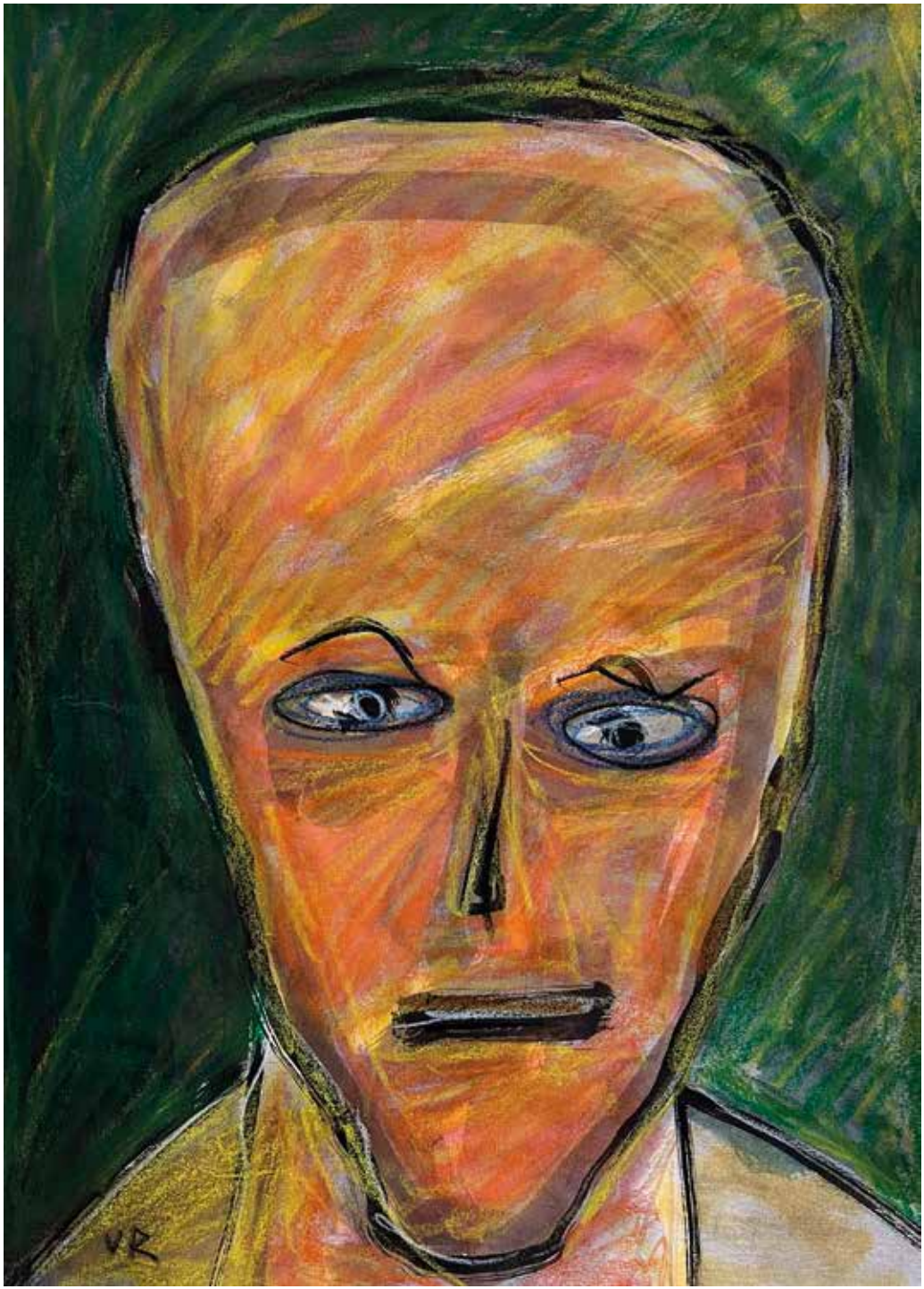
Eram macios como pétalas
os sutis toques dos pincéis.
Seriam azuis os seios da rosa
a alimentar sonhos ancestrais?

Eram como soluçantes violinos
as vozes dos tons e matizes.
Seriam amarelas, a crepitar outonos,
as mudas cenas dos murais?

Eram olorosos o benjoim, o incenso
no esquecido templo dos aflitos.
Seriam verdes os dolorosos
perfumes dos fúnebres rituais?

Assim sonhava a testemunha
frente às abstratas telas,
a quem cabia tão somente
– as órbitas cegas e vazias –
regurgitar imagens cabalísticas
de um mundo desmedido.





Réu Confesso

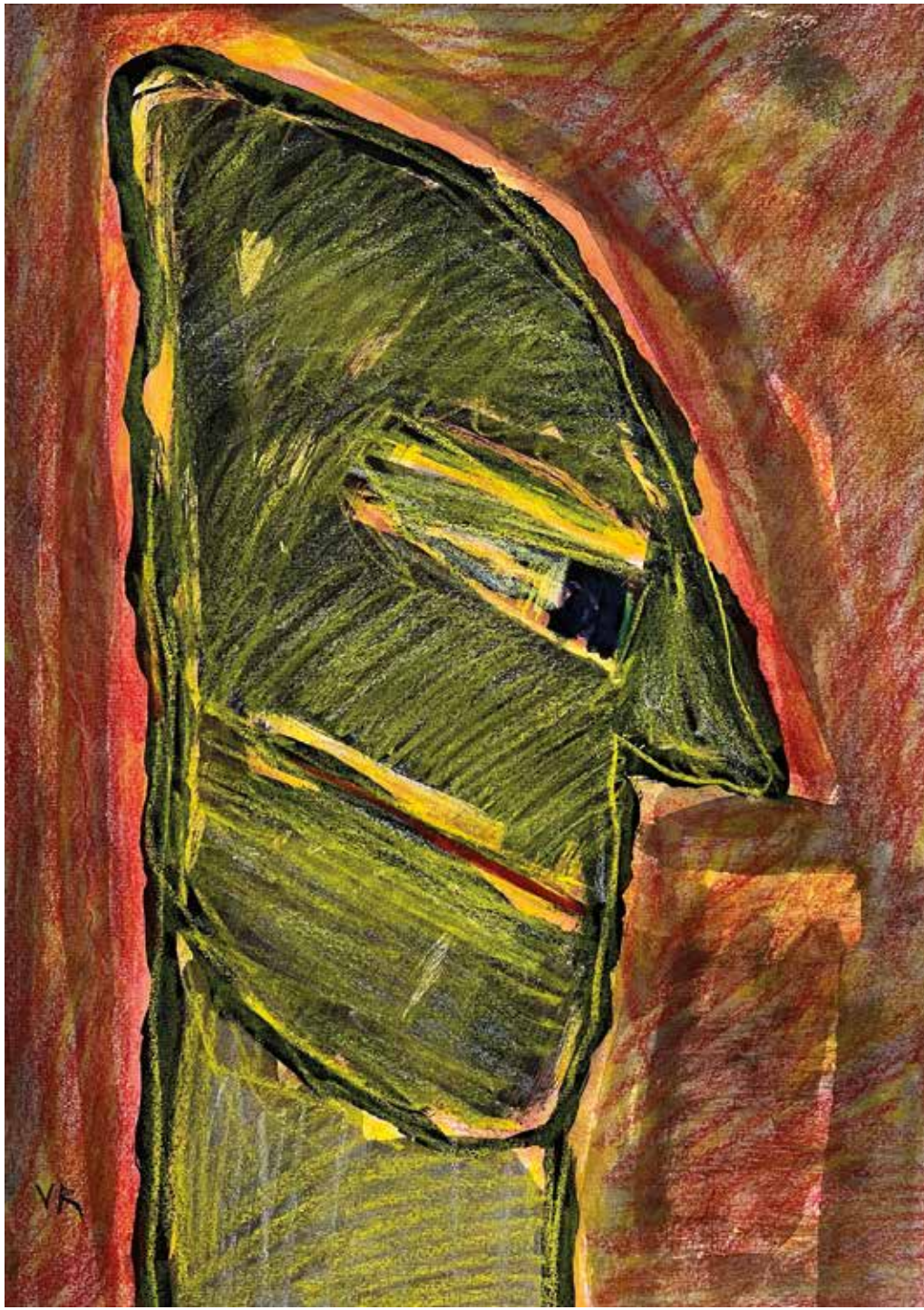
Beth Brait Alvim

Retinas saltam
do oco dos olhos
e se penduram
nas bochechas escorregadias

No vazio ainda borbulham
esparsos lampejos
curiosos,
tortos,
ensimesmados,
oblíquos

Vazam rumores do
crime perfeito:

único desejo.



VR

Queda do Século

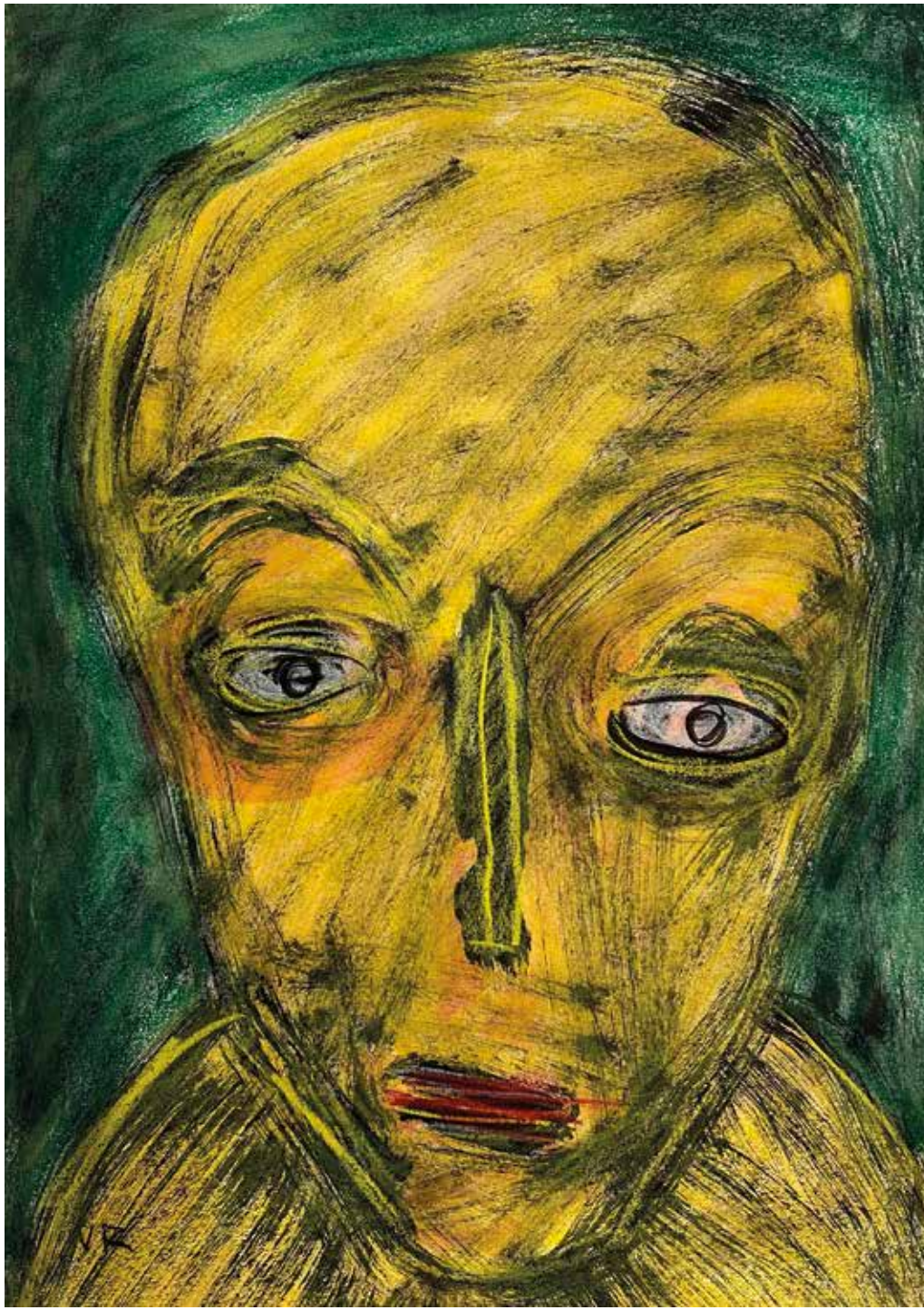
Carlos Nejar

Caí do século, caí
dentro do século, caí
pelo século todo, até
que, inerte, a matéria
me consumisse com seu
fogo e eu era o século,
era o entorpecido poço
nos olhos do cego rosto.

Caí, fui caindo
de mim, retido
no arrabalde
do começo,
que, pelo mito
se extingue.

E a matéria do destino
é feita com nossos restos,
nossos percalços, gemidos.
Caí, subindo com os símbolos,
ao sidéreo sentido,
a trela, a desatada
sola de uma estrela.

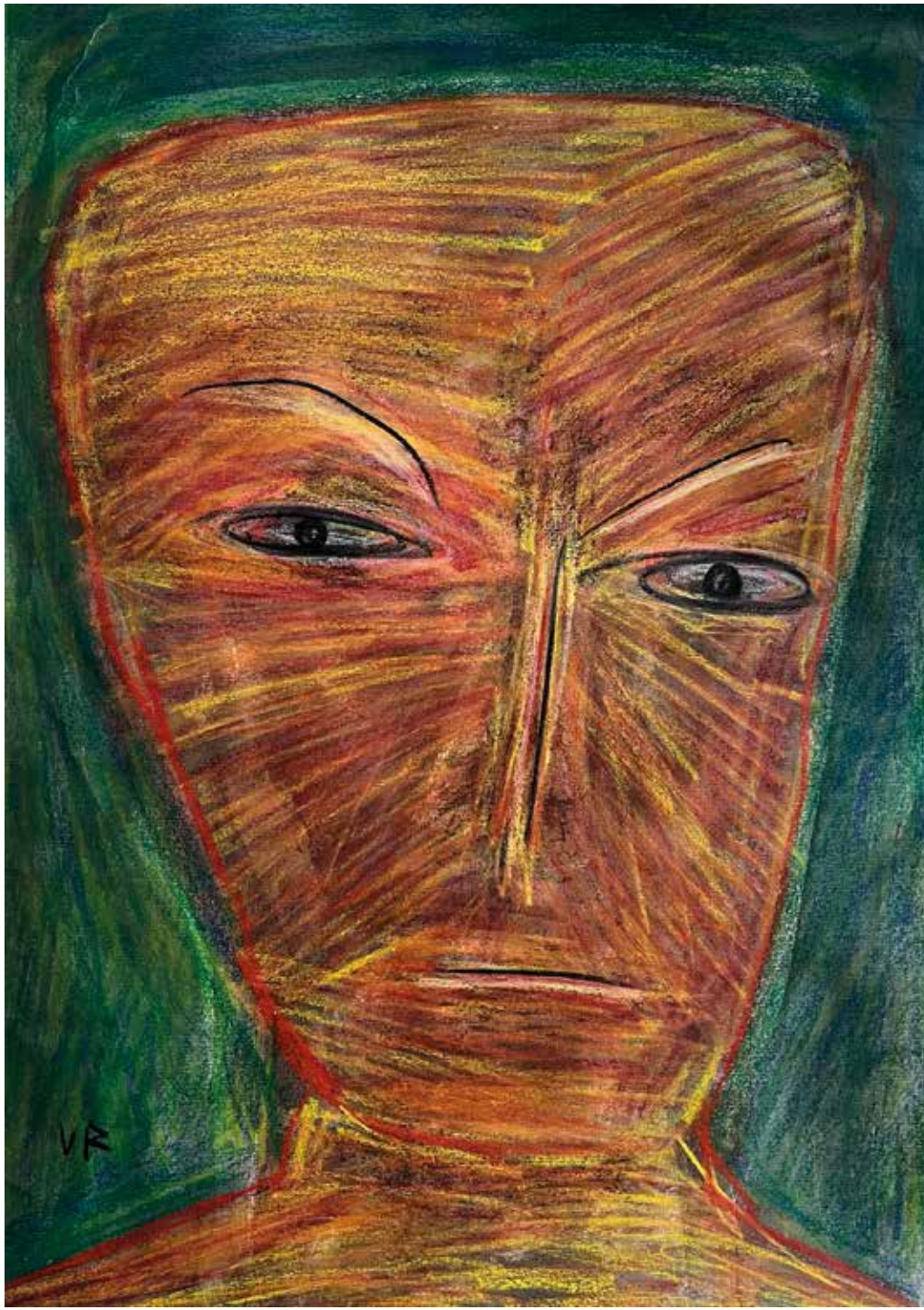
VR



Nomeação Pública

Celso de Alencar

Nomeio-te meu irmão
e parte do meu sangue é teu.
Na clareira mais alta
da Serra das Cabras
está lá parte do meu coração.
A outra está contigo.
Mais tarde
quando juntos atravessarmos
o riacho das quinze pedras redondas
direi a ti tudo sobre
a juventude que se encontra em mim.
E te mostrarei as velhas casas
que rodeiam a cidade
e onde nelas vivem
os mais antigos criadores
de galinhas d'angola
e os coletores de feijão e milho.
Antes que chegue a manhã do sábado
quero ter-te como testemunha da violência
provocada pela polícia do governo regional
contra as prostitutas que enfeitam as travessas
da avenida central
e as da velha praça do correio.


VR

Testemunhas Oculares

Danilo Sampaio

Letras do Brasil.
Quem não daria tudo
para guardar
segredos e mistérios
nas mãos
ou nas pérgulas
do tempo
que correm em nós ?

E sinto
minha pobreza
diante do eterno...
Mas pela visão dos
olhos
abrem-se véus
e posso ver
pássaros no céu
nas glórias dos seus
voos
rompendo
os gumes fatais das
solidões
no útero da noite
ou a retornar ao caos
e poder ter em
dimensão
um novo
amanhecer...
Testemunhar as
velocidades dos
ventos
trazendo seus
recados
encantados...

A Testemunha

Dione Barreto

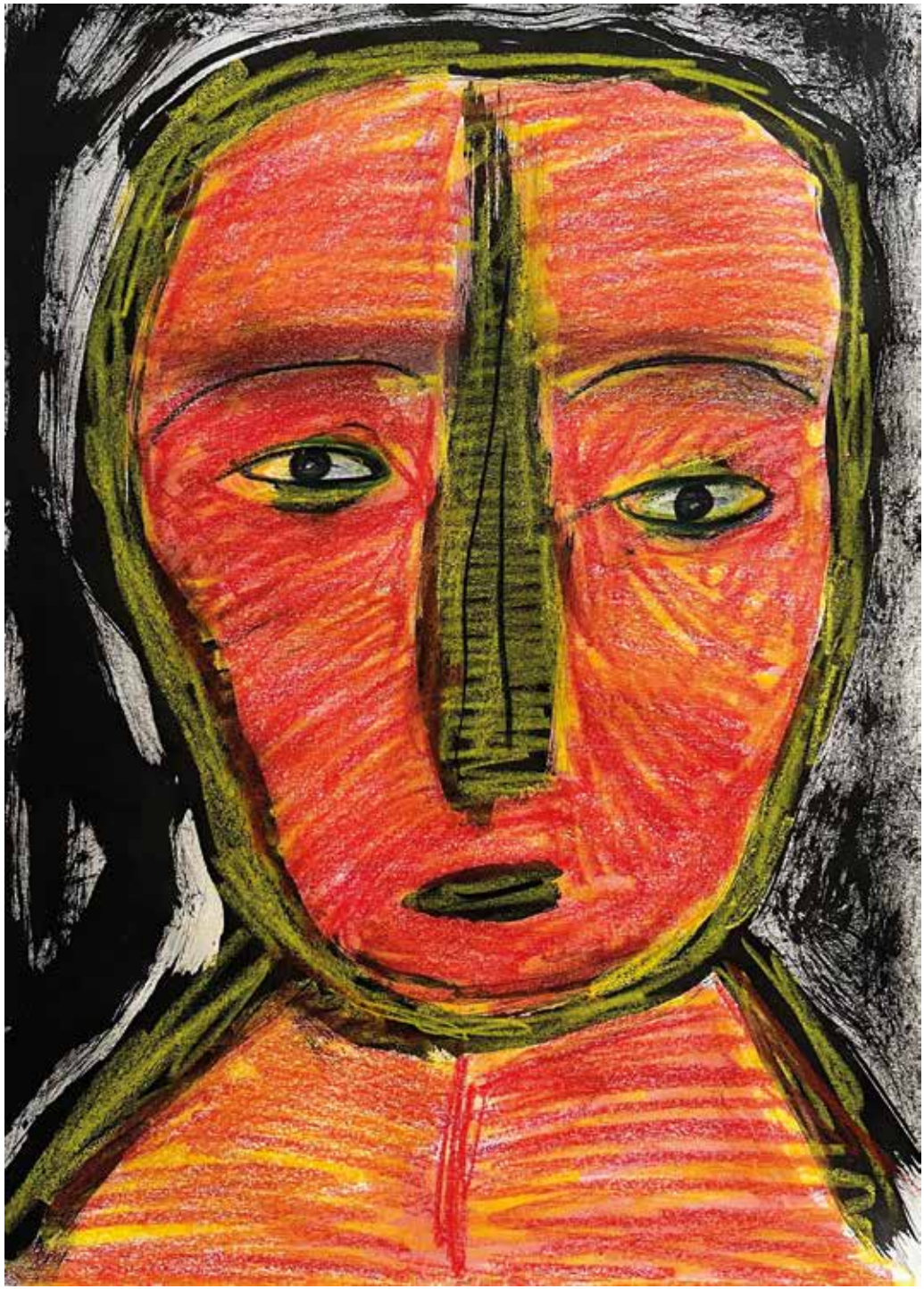
cruzei a pé a avenida paulista
e a cada trecho uma cabeça-guia:
psiu!
vá por aqui!

vi o que meus olhos viam:
cabeças-túnel,
duzentas e cinquenta mil almas
vestidas em linhas
cinzas-calçada
azulzíssimas vertidas
vezes quentes, ligeiramente
ensolaradas

à esquerda de quem vai
o túnel
um corpo subjetivo
de rosto-cápsula
espaço-tubo ocupado
redondo, translúcido
corpo de quem banha-se de mágoa

fui por ali, na diagonal, e lá, a criatura:
quem testemunha a testemunha?

VR



O Suicídio dos Nenúfares de Monet

Edmir Carvalho Bezerra

Fizeram-me adormecer com uivos entre os dedos,
despertei com granadas na garganta,
a língua roçando as pirâmides brancas.

Os olhos furados da mãe de Deus
  – encostados nos meus –
bebiam o caos das minhas lágrimas.

No sol celeste do céu da minha boca,
anjos de fuligens e fúrias de anciãos
sussurravam, num ritmo ateu,
uma canção de enternecer relâmpagos frios.

O maestro acariciava o armagedom da beleza
as mãos neblinavam prantos aos dragões de pedra.
[Os dragões eram silêncios perversos.]

Pastores apascentavam as estrelas,
nos ponteiros de meu relógio
se penduravam monjas nuas.
[A madrugada agonizava, o quase *'nascer do sol'*.]

Raízes de nenúfares encharcavam o meu rosto,
algas de luz testemunhavam o romaneio,
a flutuação de pétalas se abrindo nas recordações de Monet…

Nos meus sonhos, caracóis da escuridão
Interrogam o idioma triste dos meus lábios.

A Ciência da Aranha

Eliakim Ferreira Oliveira

Arma, geômetra, a tênue lona e toca,
trama e tessitura fosca, infensa à luz
e ao toque. Não se enrosca nem atravessa
seu próprio alambrado, varal entre galhos,
haste torta de transparência medida.
Aí é que espera, astuta, débil tipulide:
fartura parca em domicílio, cilada,
espreita ou tocaia retesada de bicho.
Faz, assim, seu estilo: tecendo tramoia
e entocada sobre nada, produz calma:
de hilo a hilo, em força tensa de dócil bicho.

Nosso Herói tombou hoje

(Em memória de Rubens Jardim)

Fabiano Fernandes Garcez

Nosso herói tombou hoje
Não nas duras batalhas
Não das brutas muralhas

Nosso herói está morto
em repouso absoluto
cansado de lutas
indomáveis

Amanhã
lavaremos seu corpo
dividiremos seu ouro
contaremos seus louros

Hoje
estamos
sós
restamos
nós
olhos
que
testemunharam

Sua fúria incansável
Sua luta memorável

Hoje
choraremos sua morte
brindaremos à sua sorte

Amanhã
Cantaremos ainda mais forte

Eu estilhaçado

Flávio Viegas Amoreira

No que vi
me escapa
e vira
adverso
não toca
irrompe
fulge
e no que noto
crio
até hoje vibra
um naco solto
nunca moldou de todo
ponto a ponto
amorfo
ainda que por inteiro
quando por desejo imanto
um traço ligando-se a outro
lance dado
eu tento dar-lhe um só corpo
que chama-se entre tu e eu nosso!

me penso te sei o que suponho
ainda todo
uno mesmo que por instante.
Tenho sido o que olho
olha-se em mim.

Sonnetto da Testemunha Ocular [12.531]

Glauco Mattoso

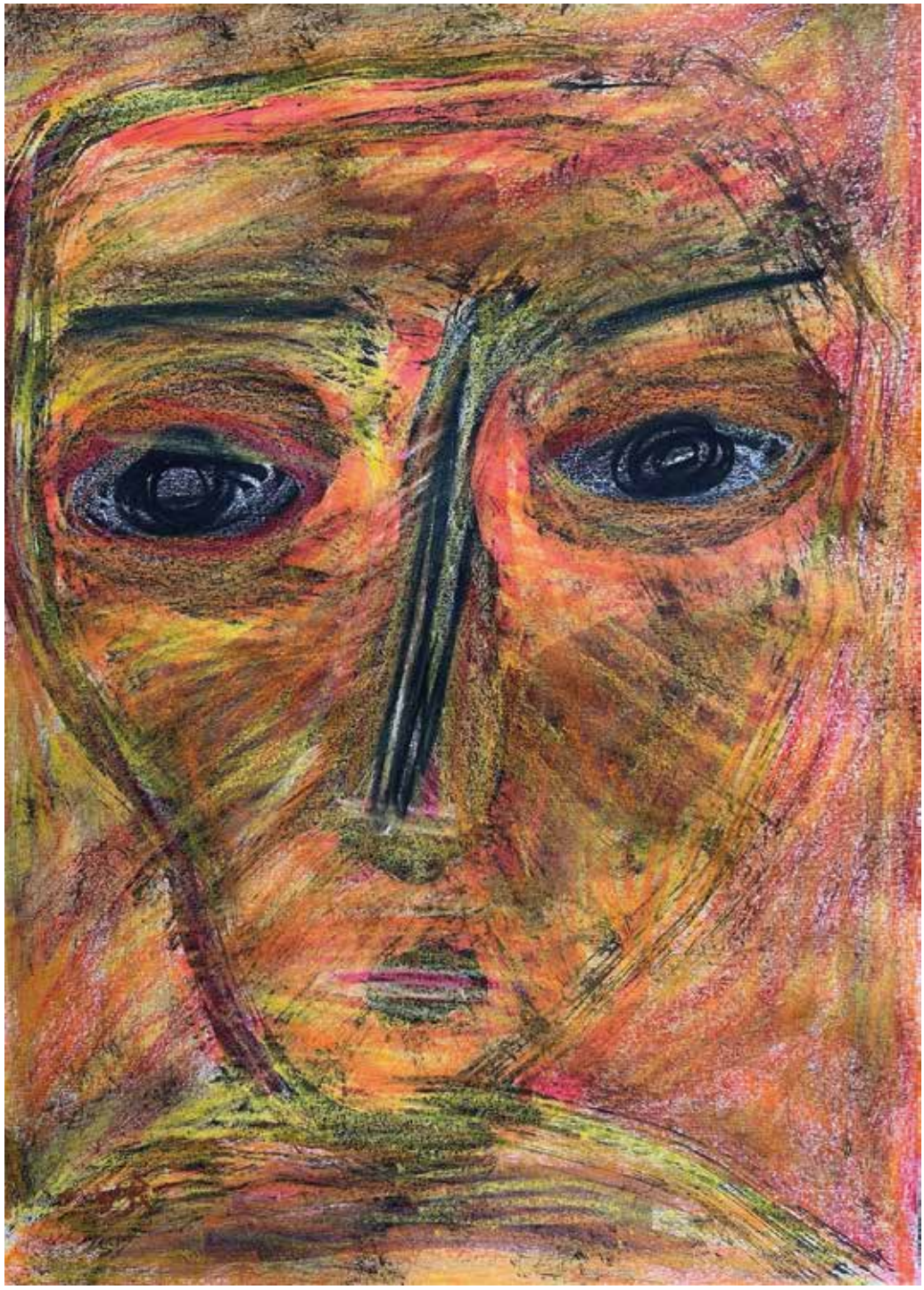
Vi tudo! Tudo vejo! Vi você,
Glaucão, quando cegado foi, na mão
dos sadicos! Seu olho, que era são,
vazou-se, excavocado! Hoje não vê!

Vi quando, com o dedo, sem TV
nem cameras gravando, os gajos vão
das orbitas tirando seus ja tão
soffridos olhos... Nada, a mim, deprê!

Achei, pelo contrario, na libido
um optimo collyrio, pois duvido
que esteja alguem com pena, aqui bem friso...

Então não foi você? Pensei ter sido...
Ainda assim, achei bem divertido...
A alguem que veja, a scena rende riso...

VR



Revelações

Graça Lopes

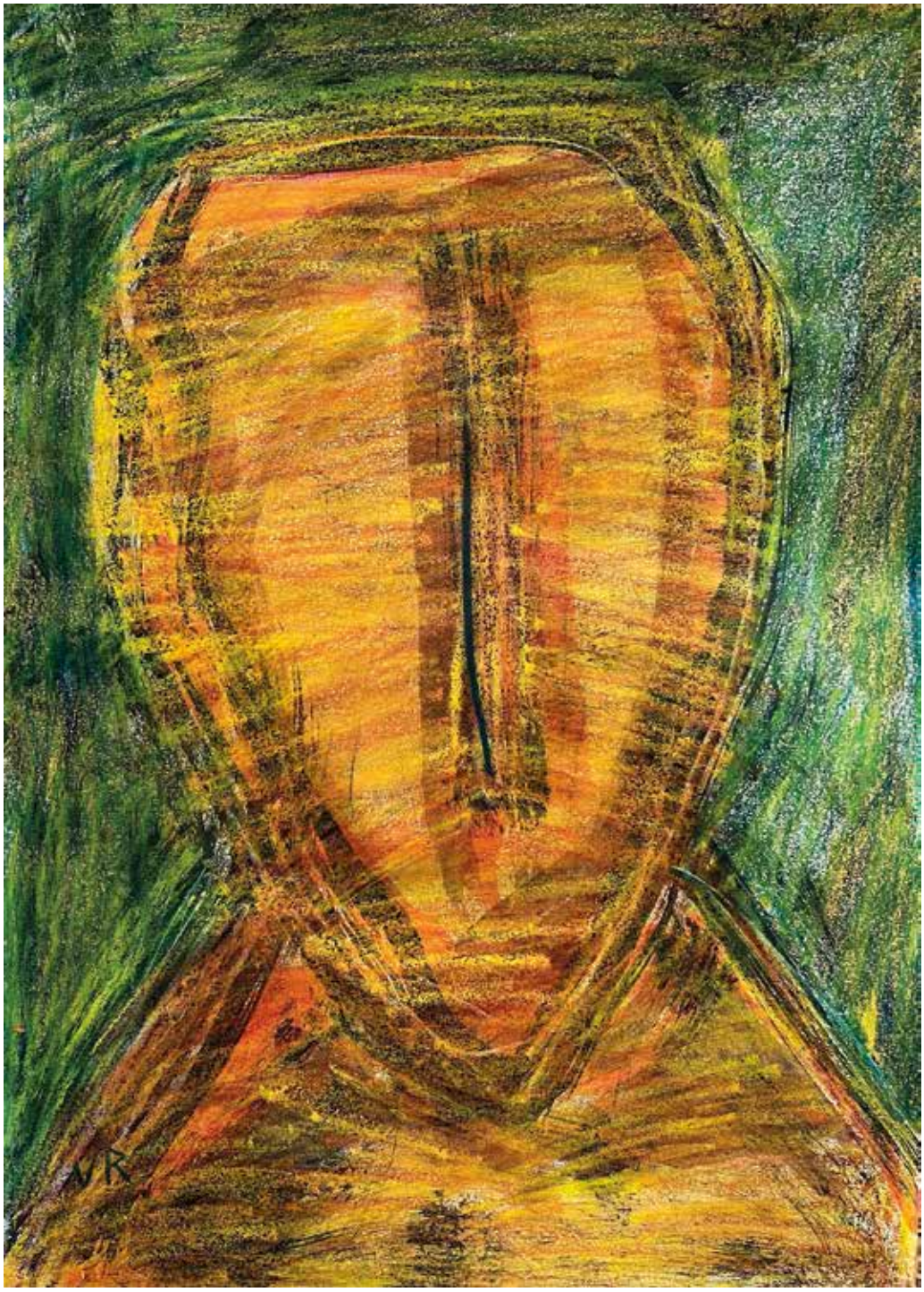
Quase uma fotografia em abismo
sob halogeneto de prata ou tinta
um jorro em negativos de películas
a vida-e-morte-e-vida que se exibe
na muda fisionomia servindo
para tagarelar algo do v(isto)

O olhar se esbugalha ao infinito
cerra-se reabre enfrenta despista
provoca acalenta se ajusta abriga
(su)posto vazio agregando vias
se por lá franze o celho cílio a cílio
por cá apaga a rusga – ri – inquire

Antiga câmara escura a boca brilha

soma-se em nudez à caverna d'olhos
propaga a luz retilínea da língua
fora da ilusão das vãs acuidades
dos vieses e sombras entretidas
o que-quem-quando-onde-como-por que

Sob riscos e traços promissivos
o semblante anônimo se ilumina
rente a fosforências fugidias
pois a arte comove quem a sente
move outras faces em desdobra atenta
é testemunha ocular do seu tempo.



testemunha ocular

Hamilton Faria

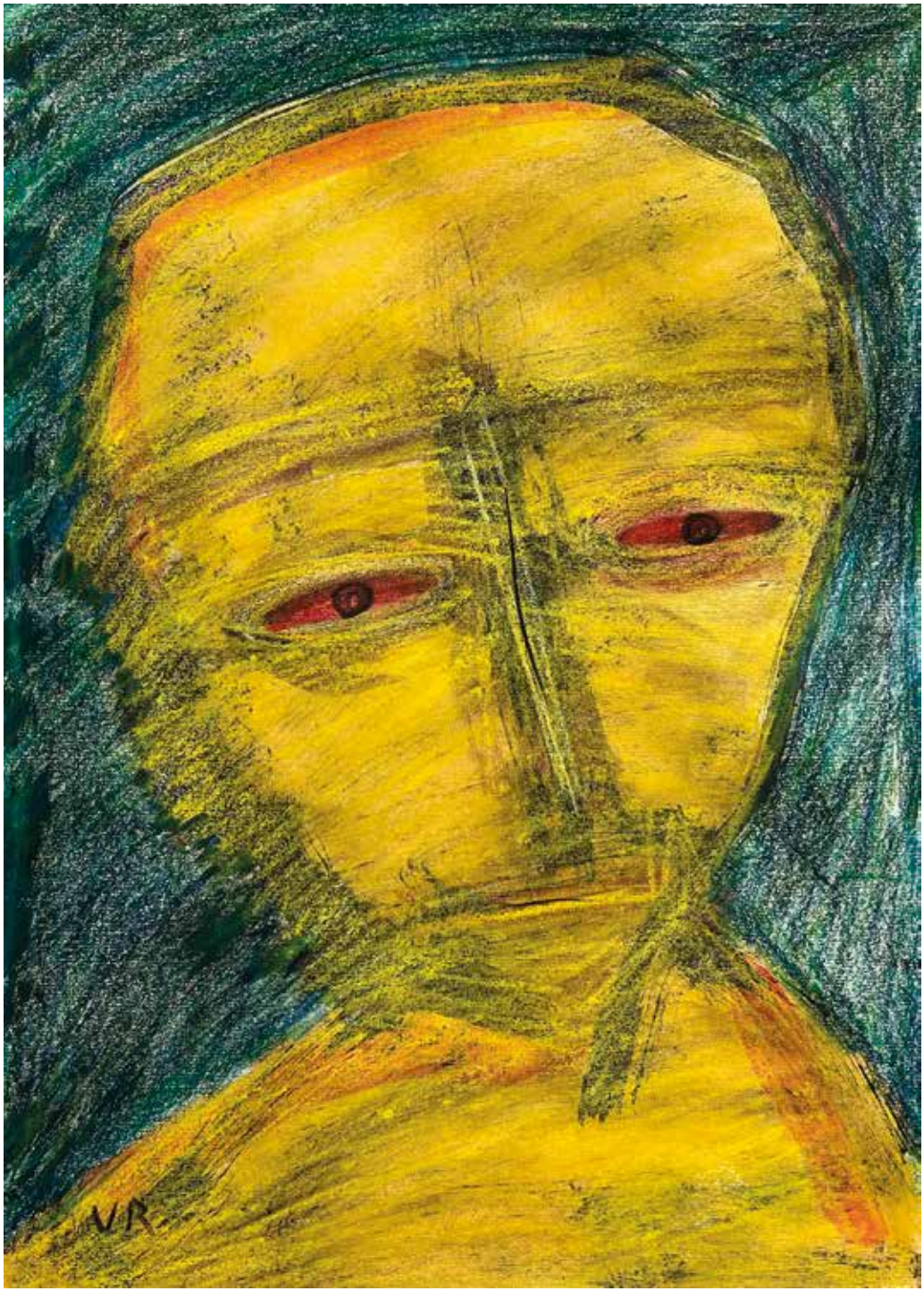
olhos de mundo
(o que tenho)
braços de abraços
(o que tenho)
antenas da raça
(o que tenho)
respiro abismos e
alumbramentos
onde não há perguntas

sou de passagem

dispo-me da dor
e parto:
a algum lugar improvável

contemplo flores
no deserto
caminho de asas
no silêncio

sopro eterna
sinfonia


VR

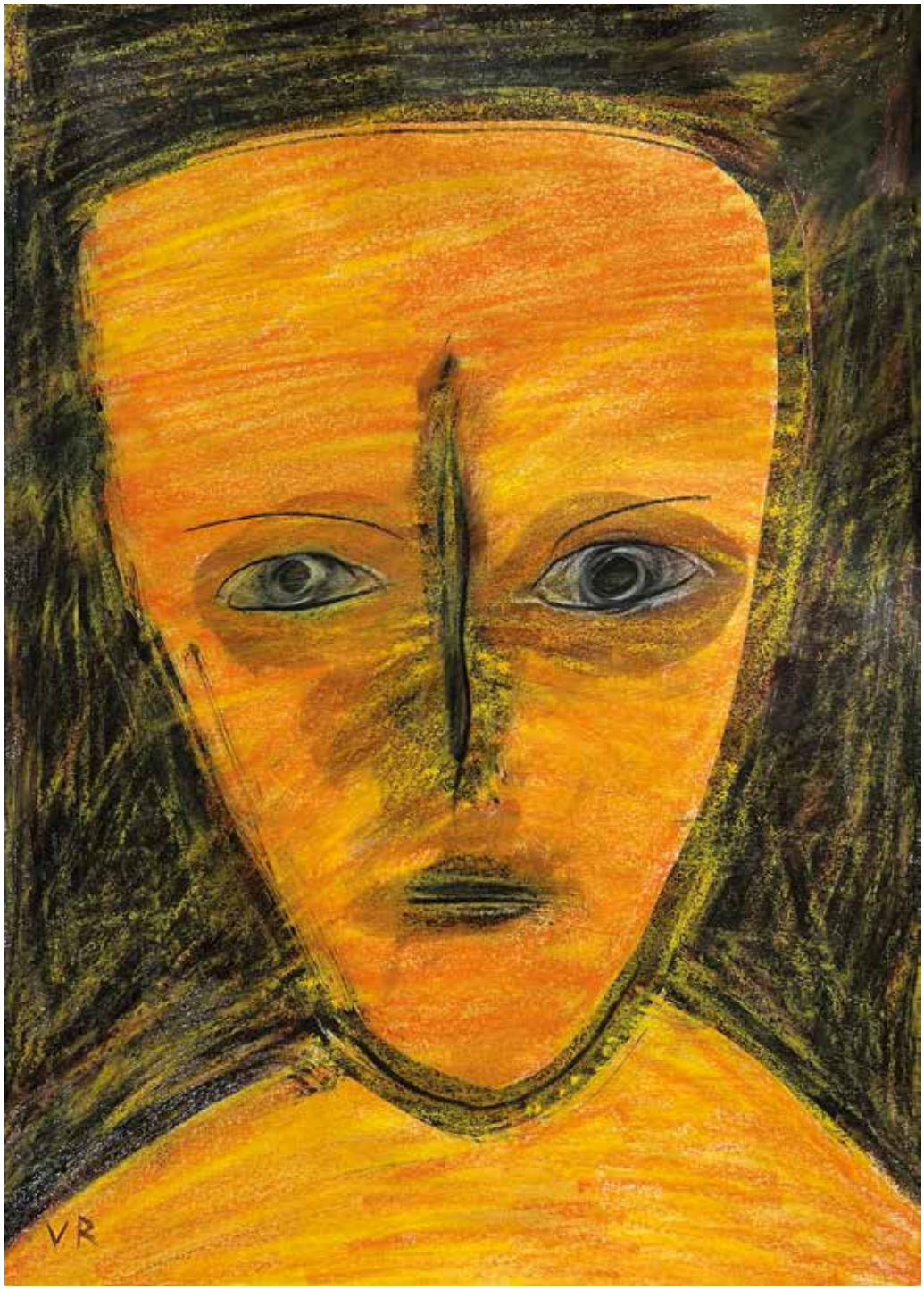
Testemunha ocular

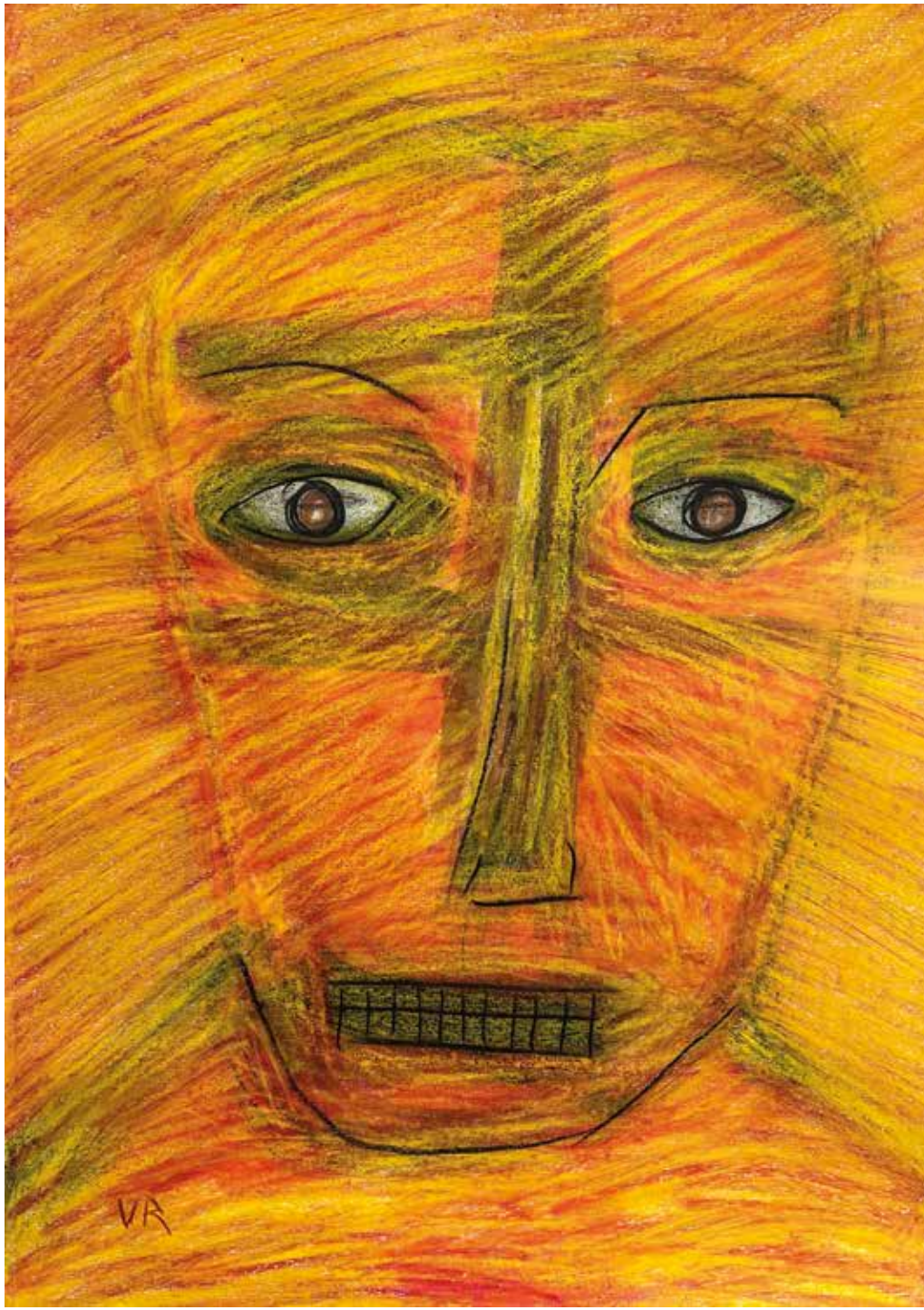
Hildeberto Barbosa Filho

Meus olhos,
entre sombras
e
cores,
entre sustos,
pavor, medo,
espanto,
se
abrem para os enigmas da vida.

Veem
uma tristeza azulada,
uma solidão escarlate,
um horror arroxeado,
um absurdo amarelo
que me lembra Van
Gogh.

Essas cores
me doem cá dentro.
Essas cores
conjugam idiomas
delirantes,
o verde que silencia
e me aquece o algodão da alma.
Meus olhos
são testemunhas
de recônditas aspirações.
Um homem melhor,
um mundo melhor,
uma arte que fale.


VR


VR

Espionagem

José Antonio Gonçalves

ver impunemente
o rosto semelhante
ao daquela mulher
nascida no nordeste
com a pele clara demais
para poder descobrir
o instante preciso
da ocultação das lágrimas

contar tudo aquilo
que aconteceu
na manhã de domingo
berço da poesia reunida
impulso definitivo
para perseguir
os animais ocultos na mata

branco de delírios
riscos amarelos de patíbulos
misturas ousadas de cores no nariz
olhos azuis, sim
calvície acentuada pela luta
um frei também espia os fatos

natureza acima dos humanos
as raízes filtram as águas
para a vitória da revolução

VR

Olhares Pintados

Leila Ferraz

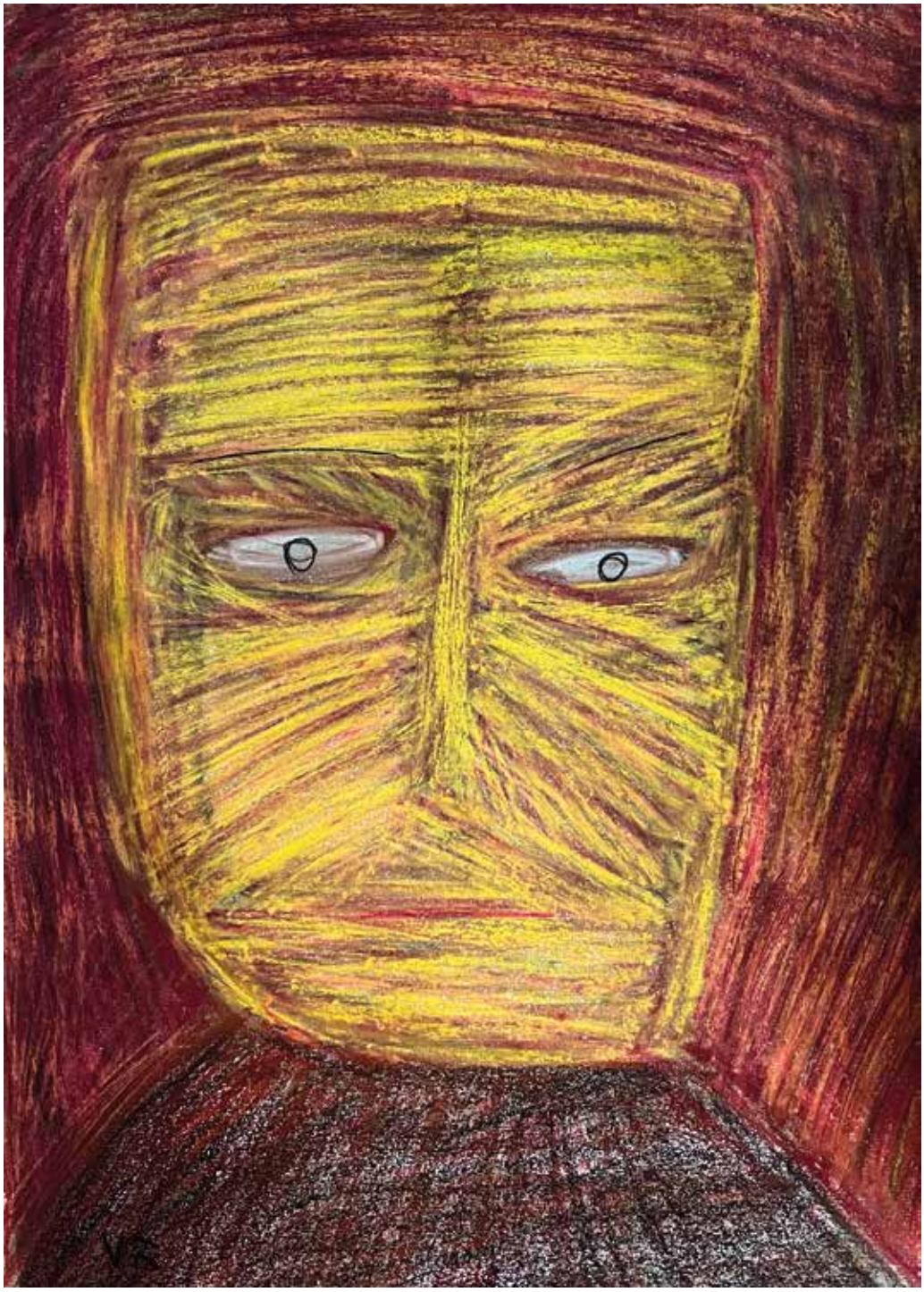
Senhora: Aceite este meu olhar
Como se fosse a caixa de Pandora
Que pela minha face pintada chora

Ao ver que o seu olhar se amansa
Quando ao encontro do meu avança
E não me canso de imaginar a hora

Quando um no outro descansa
Somos então testemunhas de segredos
Com todas as cores da alma e enredos

Olhares fascinam, seduzem, fulminam
Nos igualam, encantam e iluminam
Mesmo sendo eu um olhar pintado

Guardo em mim tudo o que é sagrado
Porque nossos olhares ao se tocarem
Unem em uma todas as paixões da alma.



Mascarada

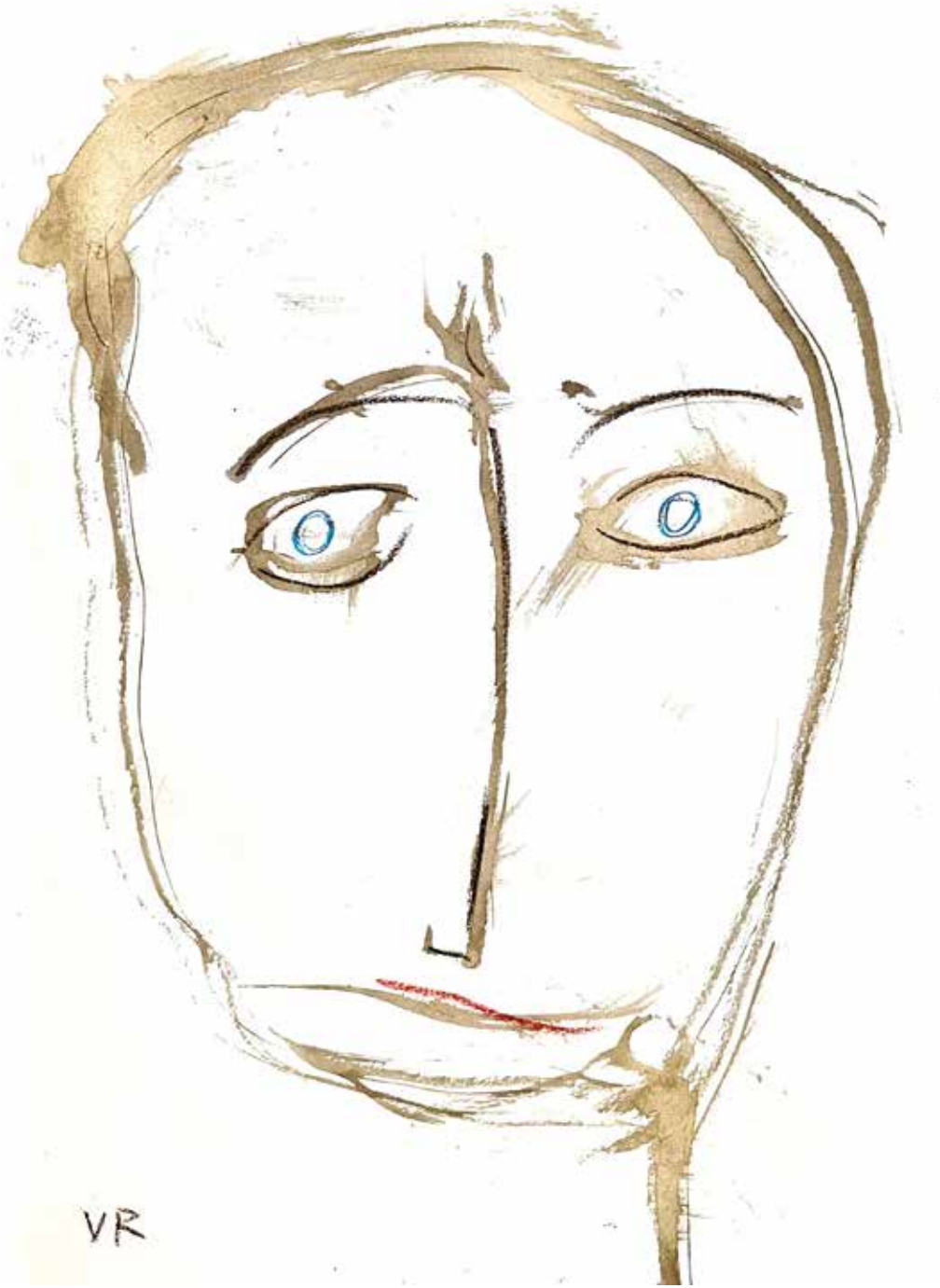
Luis Avelima

Há um cisco encravado na retina
do homem que encara a morte
e em poucas horas testemunha
o passado se diluindo em terra opaca.

Há um cisco encravado na aura
de outro homem que testemunha a morte
que chega com seu arco dentilhado

e grita: esse rosto é teu, eu sei,
esse rosto é nosso, tu sabes,
e juntos testemunharemos a vida
que nunca tivemos,
porque nunca deixamos de ser uma máscara.

VR


VR

Olhos para ver

Marcantonio Costa

Testemunho o punho
que visa a sua face,
mas você se esquiva
preservando a altivez
da testa,
a limpidez da face aberta,
a agressividade do queixo,
e a dentição.
Mas não usa sorrir,
nem para os deuses,
nem para os demônios
nem para os homens.

Apenas ama a luz
que desvenda suas feições
e faz esplender o teu olhar
sinistro e puro
que apenas o tempo consome.

VK

VR

o sobrevivente

Márcia Maranhão De Conti

mastigar o silêncio
e buscar, do instante, o rastro
a verdade dos olhos é confusa

escutai-me, excelência
e os que me obrigam à coragem
a voz está longe, o lugar, sem brilho

se vou ao quase dos gestos
não sei do antes
amontoam-se na mente as fotos

não, não prometo a verdade
o que não e o que sim se juntaram
e as palavras não trazem o que não tocam

deixem-me calar mais um pouco
o vestígio talvez se mostre
na trava dos meus dentes

amanhã talvez queiram vir as frases
talvez, não tenho certeza
quem some leva o fato.

Foi assim

Mary Castilho

Ocultaram meu sorriso
Tiraram meus olhos
Minha boca
Me calaram.

Torci e distorci
Enuviei-me porque sinto morto
O grito mudo e amarelo
De medo do que não sei.

O profano e o sagrado
Fazem-se em presença antiga
Nessa tarde silente
Quando pássaros noturnos
Começam a chegar e pousam no muro cinzento
Para testemunharem à negra noite
Que morri.

VR

Testemunha Ocular

Mirian de Carvalho

Atentas ou distraídas as cabeças
seus olhares percorrem-me a vida;
aquela, a dos olhos fechados,
despertou-me para o enigma.

– *Caminho azul das araras migrantes.*
– *Pela janela do livro, posso vê-las.*

Aquela, a dos olhos fechados,
contempla a pressa do tempo
na finitude de um certo infinito;
pálpebras cerradas, andou comigo
pelas texturas do papel e da memória
ao encontro dos atalhos que se cruzam.

Aquela, a das pálpebras adormecidas,
reproduzindo a voz do oráculo de Delfos,
indecifrável, ora se dirige a mim.
E entendo suas palavras.

– *Ninho da Fênix das águas de fogo.*
– *Cada cabeça, mil relembranças.*

VR

VR

As Cascas

Paulo Sposati Ortiz

Para instalar poças, eu confesso,
fui contratado. É bom sublinhar,
pois não eram poucas.
Nesta época de secura no milênio que termina,
época de sobrecarregar de profundas marcas
os pulsos que cavavam e cavavam,
eu aprendi o ofício desde o interior
de minhas coxas. De onde venho, era o comum.
Saber arrancar delicadamente as cascas.
Sirvo, sei disso: a um propósito maior.

Até ter sido
interrompido por quem encontrei.
Vindo de estranhos prédios, era grande, parecia forte.
No redondo de seus óculos, refletia-se
a superfície daquele mundo – o que irritaria
a qualquer um. Ainda não soube se era deste milênio
ou do anterior; apenas sei que, ao segurar
o quase círculo, com o gelado braço estendido para frente,
olho e óculos se cruzaram, e então a frase: A última lua de tua vida
é a de hoje. Foi logo quando uma mangueira,
ligada em plena escuridão, habitou, violenta, a casa.

Por entre as brechas deste ovo
hoje congelado, você também não vê lascas de lua,
algumas por descascar?

Sob o Martelo

Péricles Prade

Nem sempre
olhos azuis
com a paisagem se confundem.

Essa lição aprendi
à beira dos abismos.

Quando?
Quando, distraída, a cabeça do arco-íris
caiu no mar.
Cabeça-ídolo,
desenhada a carvão
pelo lápis generoso.

E tudo porque
o desenho é duro
como o martelo criador na tábua de
Zaratustra.

Assim é
a bem-aventurança
da obsessão perseguida
entre linhas e espinhos.

VR

Testemunha Fiel

Raquel Naveira

Que entre a testemunha...
Presenciou o crime?
O cair do muro?
Sabe a realidade do fato?
Algo relevante para a verdade?
Alguma marca no corpo ou na alma
Da vítima que se expunha?

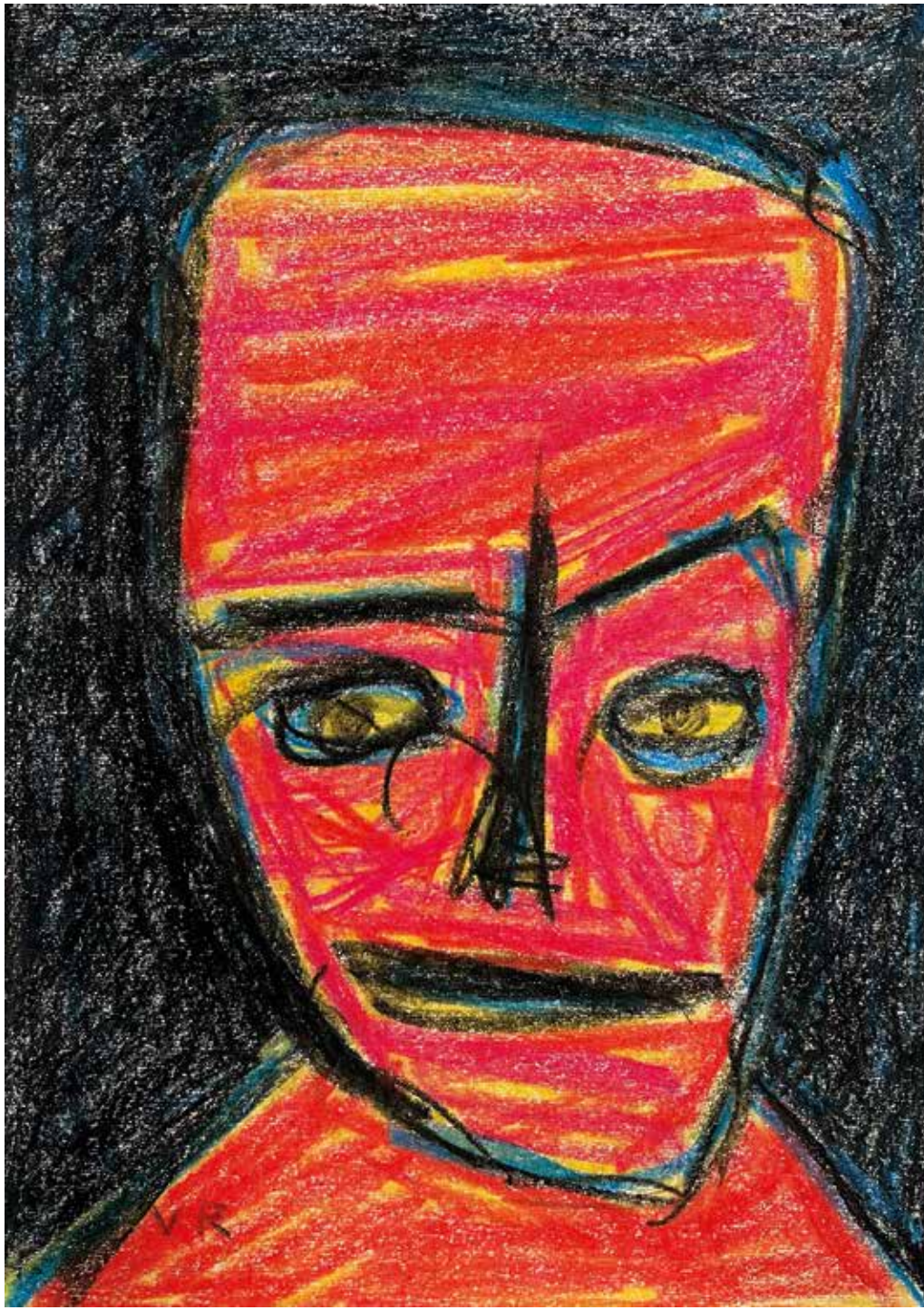
Fale com detalhes, com pormenores,
Com a língua,
Com os gestos apontando caminhos,
Os olhos vermelhos de vidro
Na face amarelada.

Como? Estava escuro?
Só viu o homem em pé,
Entre dois candelabros?
Mas havia morrido,
A senhora é testemunha.

Seguiu como areia mar adentro?
Como peixe de guelras gelatinosas,
Como se não tivesse ossos?
Seguiu para onde?
Por favor, não grunhe.

A senhora o ama?
Se doa a essa lenda,
A essa lua que gira em volta de Saturno?

Parece louca,
Mas é fiel essa testemunha.



VK

Adulterado

Remisson Aniceto

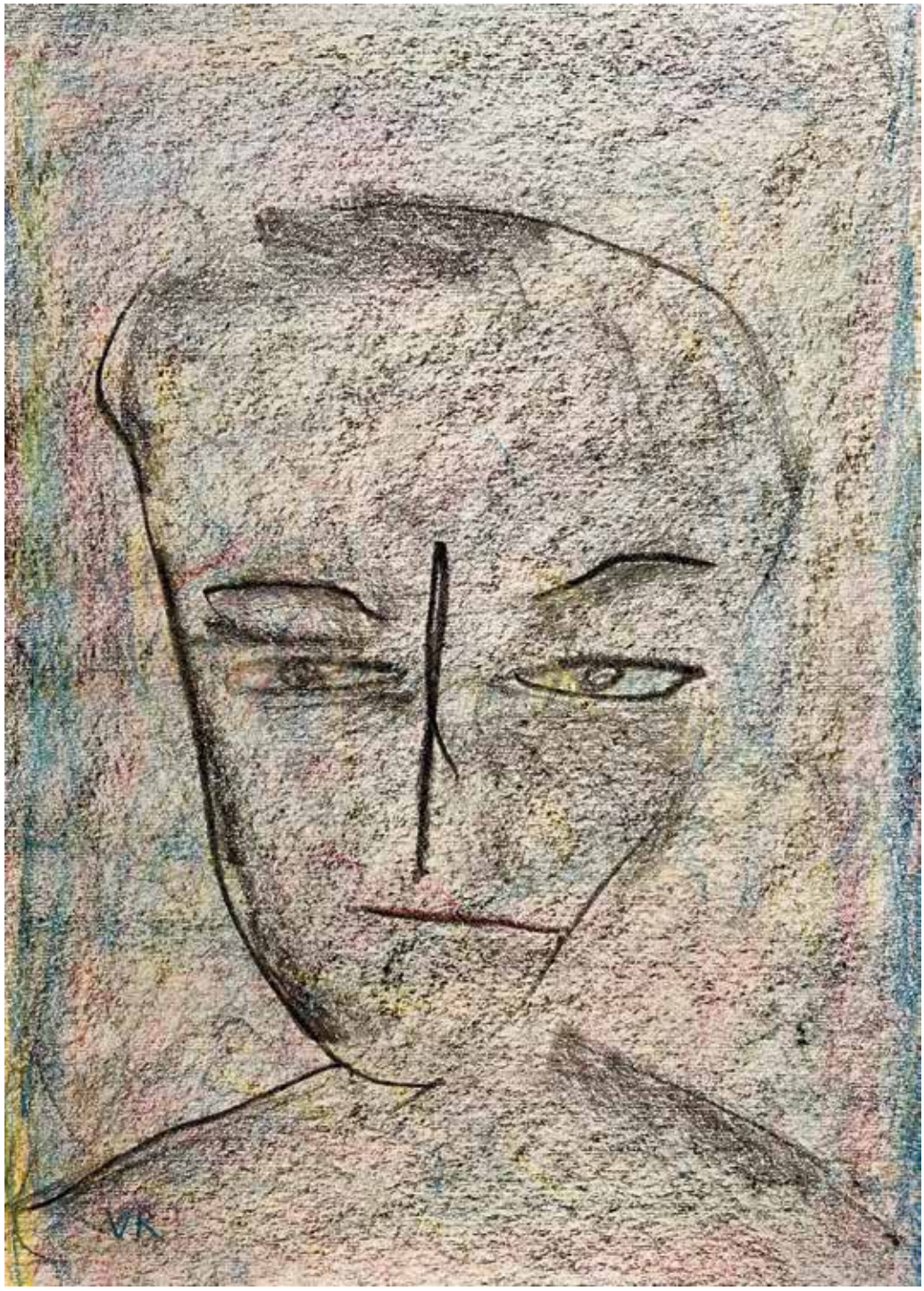
Não queria crescer.
Senhor de mim, gigante,
ser criança me bastava.
Homem feito,
quis ser como antes –
criança, e não houve jeito.

Hora de viver, não viver!
Hora de morrer, morrer!

Dia quase chegando ao fim.
Que esta noite eu morra direito em casa
depois de ter morrido em vão aqui.
24 horas de morte ininterrupta,
12 durante o dia, 12 noite afora.
Morto-vivo. Vivendo sem sentido,
morrendo sem ter morrido.

Moro sozinho, sem vizinho,
sem ninguém do meu lado
e posso morrer sossegado.
Amanhã saio de manhãzinha
e volto outra vez ao trabalho
pra morrer de mentirinha.

Nem pra morrer direito eu valho.


VK

5 Sentidos

Roberto Bicelli

5 sentidos
o preferido?
tateio...
ouves?
deixa-me sentir o perfume
da tua flor,
o gosto da alvorada
sugado do pistilo.
Receba o pólen
no centro do estigma.
deuses inaugurais
são testemunhas oculares
desta cena
de Monet.

Testemunha

Ronaldo Costa Fernandes

Meus óculos são testemunha
de que a realidade é míope,
que os fatos são distorcidos
com um grau a mais de euforia
ou um grau a menos de melancolia.
Meus olhos se policiam,
são um polegar de denúncia,
uma impressão digital dos fatos.

Testifico na memória
a delação do meu desconforto.
Meu olho é uma folha de depoimento.

a foto indecorosa

Silvana Guimarães

o zoom exagerado em meu olhar oblíquo
& um close nas rachaduras da minha pele:
há quem diga que são prova de sabedoria

trocaria todas por um facho que não
iluminasse o passado o leva-dente
de ciúmes cenas traumas & tramas

meus olhos de ressaca apropriados
para enxergar lonjuras & tormentos

meus olhos íngremes de regar incêndios que
se triscam no falso cristal das minhas retinas

capitulo: a amargura é um modo cínico de ver

Testemunha do Nada

Thereza Christina Rocque da Motta

Nenhuma dor.
Apenas o olhar.
Esguio, próximo, a visão do nada.
O que olha, você que não vê?
Súbito, percebo que não vejo.
Vi ou era cego?
Vista falha de um ato falho.
Múltiplos olhos de aranha
testemunham a passagem
dos minúsculos mosquitos
em séquito obsequioso.
Sou, logo vejo.

imagem e sentimento

Viviane de Santana

no olhar que tudo envolve
de imagem e sentimento
de margem e invento
de linguagem e movimento

vivo o meu ver e imaginar
e o efeito do alheio olhar
nos traços dos meus pensamentos
– associação e ilusão

vejo o que não olho
e olho o que está aí
para ser visto
neste misto de realidade
e coloração

na encenação do mundo
que me vive
da vida que nunca cessa de
construir ruir reconstruir
persigo as nuanças da claridade
dos teus olhos refletindo
nos meus

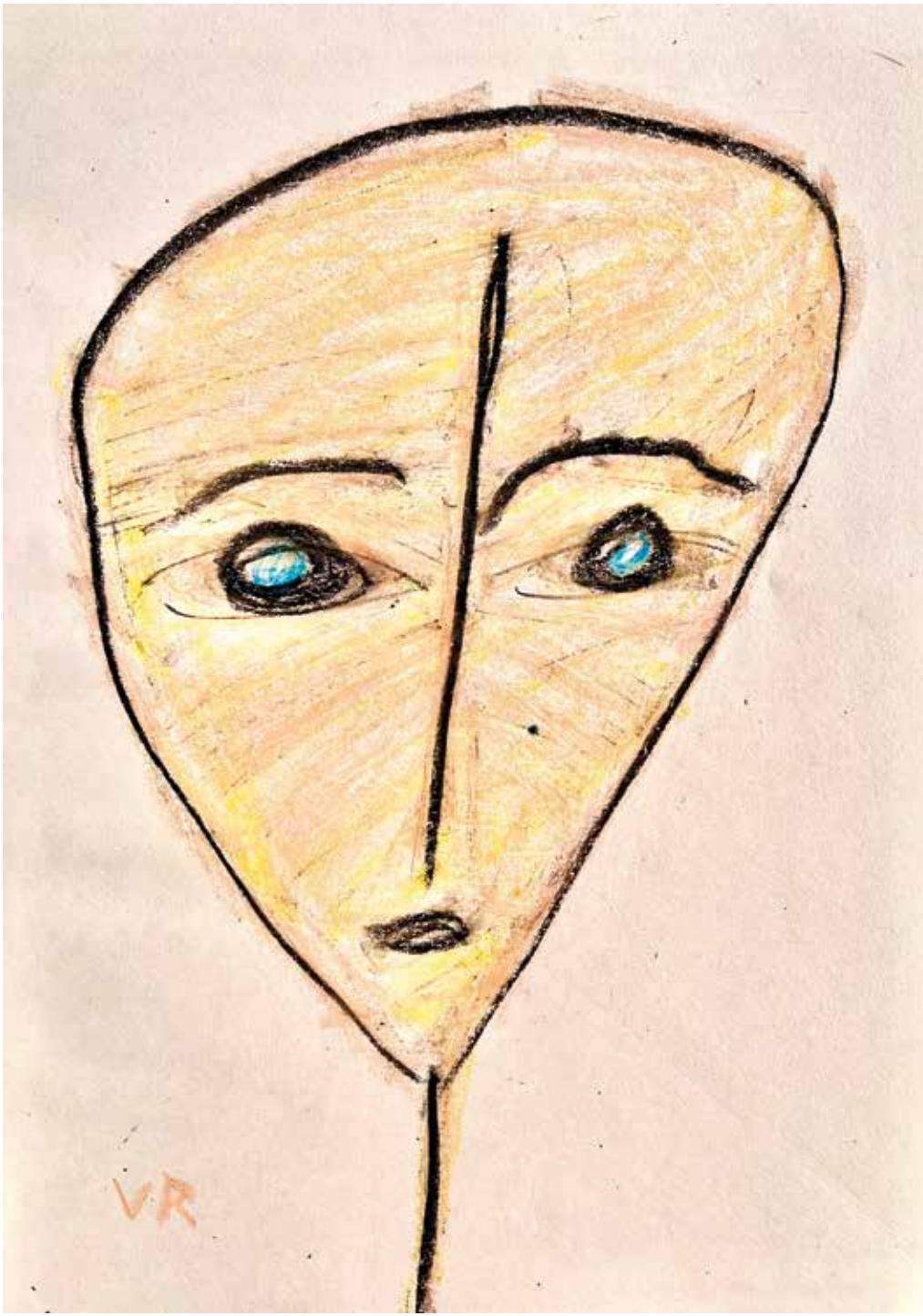
Do que os Olhos não veem

Wilson Coêlho

Entre o visível e o invisível
Duvido do que vejo
Dando um passo por detrás dos olhos
E me pergunto sobre as matérias que compõem
A íris, a pupila e o diafragma
Dessa caverna que observa a realidade
Inventando significados
Numa espécie de 'intermundo'
Onde transito existindo.

Busco romper com a alegoria da caverna
Derrubando as fronteiras
Entre o mundo sensível e o inteligível
Considerando que as marcas no corpo
Trazem histórias nunca antes contadas
Onde o consciente e o inconsciente
São dois lados da mesma moeda
Ora irreconciliáveis, ora fazendo acordos.

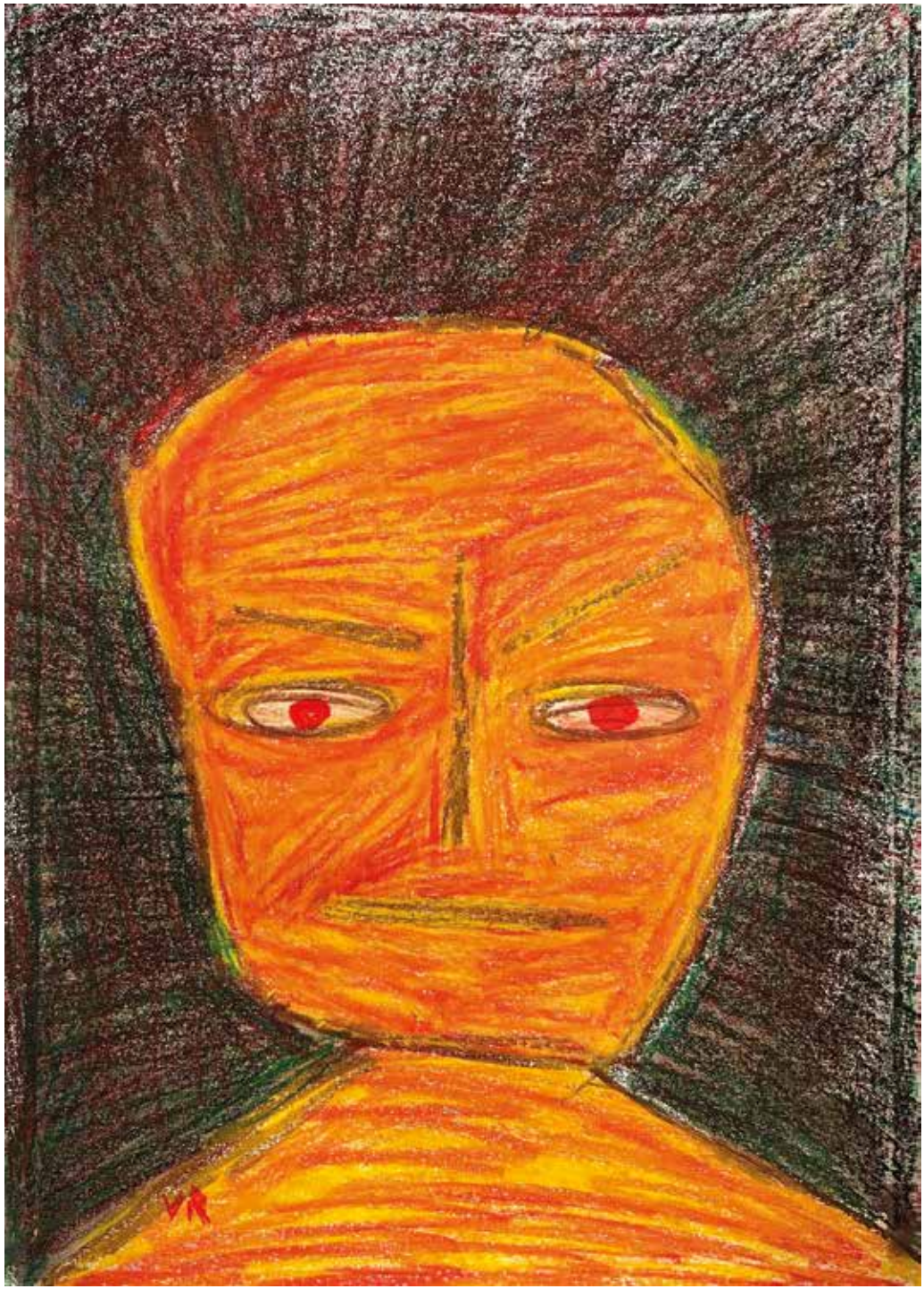
Assim, trago a memória de uma inconformidade
Da existência em que todas as vísceras
São testemunhas dos ocasos e acasos
Recebidos através dos poros
Pelas brumas e odores de todas as coisas
Que antes de serem vistas
Se anunciam pela experiência.

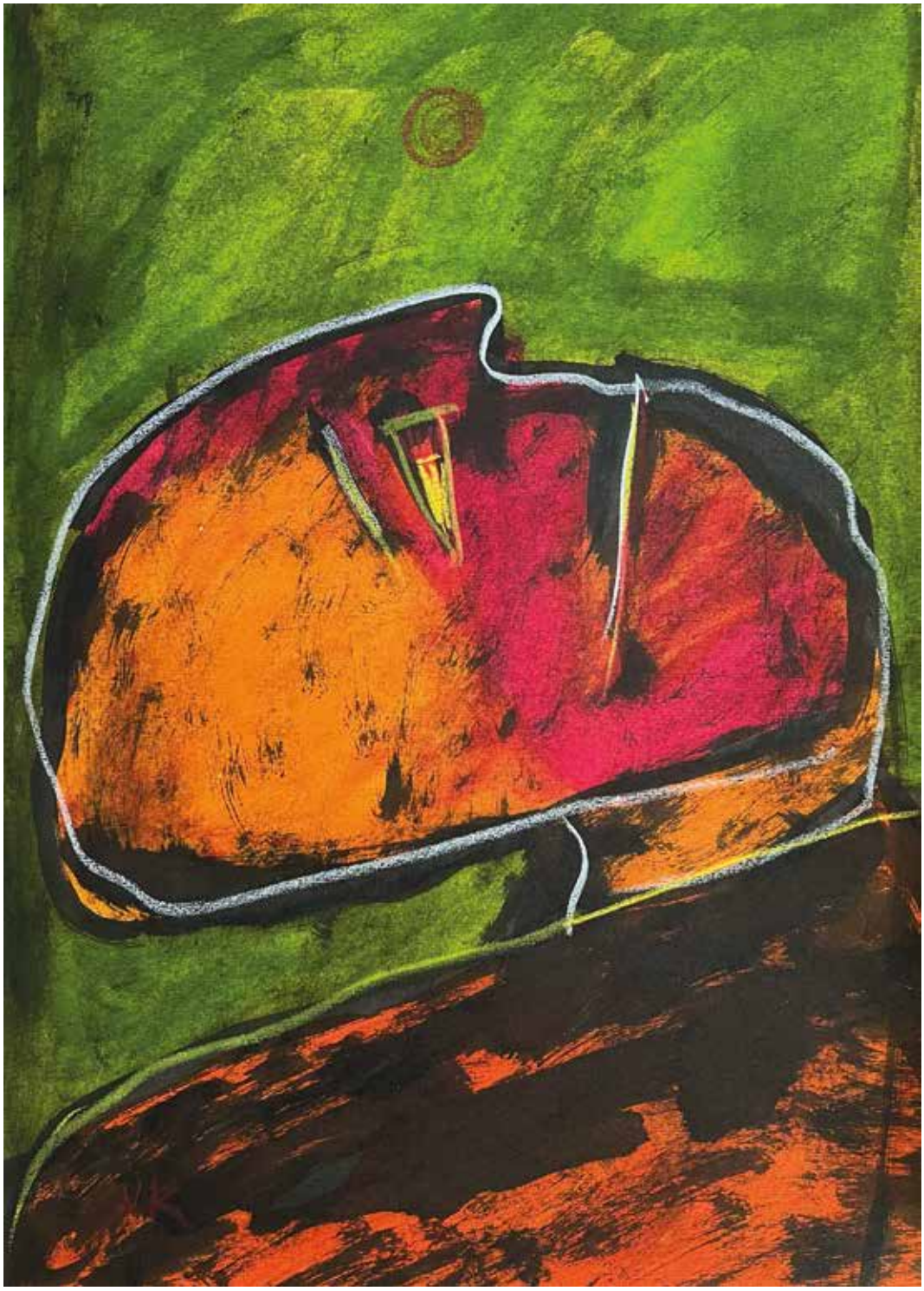

VR

Não sou Vidente

Wilson Guanais

E o mundo inteiro invadiu
a nossa casa
– por isso tive que sair…
a televisão despejava
pilhas e mais pilhas de mortos
na sala e nos quartos
o barulho era insuportável
– por isso tive que sair…
sentia o peso deles
na palma da minha mão
mais nomes que números
acesos no celular
– não pude chorar por todos
(confesso)
meus olhos eram
tão poucos
eu só queria olhar pra dentro
e ver de novo o passado
ali na borra
: mas acabou o café.





TESTEMUNHAS OCULARES

Poemas de

Álvaro Alves de Faria • Álvaro Cardoso Gomes • Beth Brait Alvim
Carlos Nejar • Celso de Alencar • Danilo Sampaio • Dione Barreto
Edmir Carvalho Bezerra • Eliakim Ferreira Oliveira • Fabiano Fernandes Garcez
Flávio Viegas Amoreira • Glauco Mattoso • Graça Lopes
Hamilton Faria • Hildeberto Barbosa Filho • José Antonio Gonçalves
Leila Ferraz • Luis Avelima • Marcantonio Costa
Márcia Maranhão De Conti • Mary Castilho • Mirian de Carvalho
Paulo Sposati Ortiz • Péricles Prade • Raquel Naveira
Remisson Aniceto • Roberto Bicelli • Ronaldo Costa Fernandes
Silvana Guimarães • Thereza Christina Rocque da Motta
Viviane de Santana • Wilson Coêlho • Wilson Guanais

ISBN 978-65-9998467-9
9 786599 984679